

Alfabetização e letramento na Educação do Campo: cartas pedagógicas como instrumento de ensino

Ana Cristina da Silva Rodrigues

Universidade Federal do Pampa, anacristina@unipampa.edu.br

Tiago Ramires

Universidade Federal do Pampa, ramireshistoriador@gmail.com

Nilza Soares dos Santos Peraça

Universidade Federal do Pampa, nilzasoaresdossantosperaca@gmail.com

Introdução

A experiência de alfabetização proporciona aos alunos o desenvolvimento da oralidade e do pensamento, tornando-os capazes de buscar soluções para as dificuldades, como também, da relação interpessoal que proporciona ao estudante entender o significado do respeito mútuo e a autonomia na sua trajetória educacional. Pensar na importância do processo de alfabetização é indispensável no relacionamento entre pessoas, estimulando a criatividade.

Devemos salientar que para realização de atividades em uma escola é salutar identificarmos a identidade da comunidade escolar. Portanto, para compreender as atividades desenvolvidas em uma escola de campo, se faz necessário compreender o conceito de educação no campo. Quando refletimos sobre educação, potencializamos o direito de todo cidadão brasileiro ter acesso a uma educação digna e de qualidade, garantido na constituição federal. Esse direito fortalece a democracia e auxilia na consolidação do processo de aprendizagem, gerando uma capacidade de construção crítica onde o cidadão é o sujeito da sua própria educação, não o objeto dela (Freire, 2016).

Pensando na educação como uma ferramenta política de empoderamento do cidadão que reflete sobre a assimetria em uma sociedade desigual, enxergar a educação e seus aspectos teóricos e práticos é um exercício que nos aproxima da luta de movimentos sociais populares do campo e da cidade.. Ao resistirem e se organizarem para a luta coletiva, os sujeitos sociais criam suas pedagogias e afirmam uma forma de ser e estar no e com o mundo.

A escolha pela construção desta investigação se dá pela potencialidade que as cartas pedagógicas revelam na construção coletiva possibilitando um diálogo horizontal que permite a libertação dos sujeitos envolvidos no que se refere às opressões econômicas e sociais impostas pela estrutura da sociedade brasileira.

Então, ao longo desta pesquisa, apresentaremos as possibilidades e limites das cartas como um instrumento de ensino que possibilita uma ação participativa e emancipatória, pois - propondo um diálogo, que resulta de um exercício de aprender, educar e pesquisar, fecunda e fertiliza os saberes, fator fundamental para uma educação libertadora no campo (Brandão, 1986).

As cartas pedagógicas como instrumento de ensino

Apresentamos o conceito de cartas pedagógicas dialogando com Camini (2012, p. 12), que as define como aprendizados que se entrecruzam e se comunicam, mencionando que “[...] estes relatos se configuram como fontes originais de uma realidade social, política, pedagógica e religiosa, que perpassa o seu tempo” (Camini, 2012, p. 12). Para a autora, as cartas pedagógicas devem propor ao leitor uma conversa de cunho pedagógico, em que é apresentado pelo escritor da carta suas ideologias, suas memórias, seus sonhos e suas experiências vividas.

Uma carta não pode cansar, mas encantar o mensageiro. Infelizmente, são ainda poucos os que se dedicam à escrita, a construir literatura, a narrar experiências de vida, a registrar práticas sociais para posterior reflexão. (Camini, 2021, p. 4).

Camini (2021) ainda propõe um olhar mais atento para a importância das cartas pedagógicas nas pesquisas, pois, segundo a autora:

Inquieta e feliz com tanto conhecimento humano verbalizado nessas cartas, resta-me entender porque essa metodologia é tão pouco conhecida e apreciada nos meios acadêmicos, por vezes até desprezada e deixada no esquecimento. A meu ver, seria preciso valorá-la, dar-lhe o verdadeiro sentido que cabe a um instrumento metodológico eficaz, sugerindo novas formas de registro e sistematização do conhecimento pretendido, partilhado (Camini, 2021, p. 15-16).

Para Paulo Freire (2013), uma carta pedagógica tem o caráter de provocar respostas, propor uma reflexão, dialogar apresentando suas convicções políticas, perceber as relações humanas e auxiliar

a entender os desafios da sociedade. Na sua obra *Cartas a Guiné Bissau*, Freire (2013, p. 13) fala:

Se toda dicotomia entre ensinar e aprender, de que resulta que quem ensina se recusa a aprender com aquele ou aquela a quem ensina, envolve uma ideologia dominadora, em certos casos, quem é chamado a ensinar algo deve aprender primeiro para, em seguida, começando a ensinar, continuar a aprender.

As cartas revelam em sua intencionalidade princípios epistêmicos que são fundamentais para a educação popular que emancipa o sujeito, pois elas fomentam a dialogicidade e a participação pois, na sua construção uma carta pedagógica anuncia um diálogo horizontal que provoca reflexão e fecunda a autonomia social e política dos sujeitos em todas as esferas do cotidiano, propondo sempre uma análise pedagógica e aguçando os olhares da vida para as diversas demandas sociais.

As cartas pedagógicas são uma grande ferramenta de ensino, e auxiliam de forma significativa não somente na comunicação dos sujeitos, como também, no processo de emancipação do cidadão.

Fazer a aula com Cartas Pedagógicas é uma proposição metodológica que resulta do conhecimento e reinvenção do legado de Paulo Freire, em diálogo com outros autores e autoras (Freitas, 2021, p. 9).

A Educação do Campo

A Educação do Campo, nos últimos anos, vem ganhando atenção na agenda de debates da educação brasileira.

Fazendo um exercício de resgate da educação no nosso país, percebe-se que as comunidades que compõem a zona rural, historicamente, vêm sendo desprivilegiadas. Isto porque, de acordo com Arroyo, Caldart e Molina (2004), a educação no meio rural, foi tratada como um subproduto do sistema educacional, que privilegiou uma elitização do acesso à educação, renegando à população camponesa o direito à educação e o reconhecimento dos saberes produzidos no campo.

Com o processo de redemocratização do Brasil, os movimentos sociais ganham mais força e, nesse cenário, os segmentos ligados à busca de igualdade social na área rural cumprem papel fundamental no debate da educação do campo. Os movimentos sociais advogam que o campo não é somente um espaço geográfico da zona rural, mas, sim, uma zona fértil, produtora de saberes e tensionamentos políticos que proporcionam aos cidadãos oriundos do campo uma identidade cultural composta pela valorização do conhecimento, que floresce no campo e alimenta a educação do campo.

Por muito tempo foi utilizado no Brasil o termo Educação Rural. Por trás desse conceito se apresentava uma desvalorização da educação para os povos camponeses, pois com um projeto de modernização do país, a zona rural era vista como um lugar de atraso que enfrentava um descaso no que tange às políticas públicas (Arroyo; Fernandes, 1999). A ruptura do conceito não se faz somente

na etimologia da expressão educação rural, mas, para além disso, ela se dá na organização de projetos políticos pedagógicos que atendam às inquietações da população do campo nas práticas pedagógicas realizadas nas escolas, valorizando o cotidiano campestre e, principalmente, enaltecendo questões muito caras para a zona rural, como por exemplo, a agricultura familiar, a sustentabilidade, a reforma agrária, a soberania alimentar, a multiculturalidade, entre outros aspectos fundamentais para o entendimento do campesinato brasileiro.

Para construirmos um melhor entendimento da educação do campo, faz-se necessário compreender que a zona rural está em eterno movimento, proporcionando a nossa sociedade movimentos socioculturais que enaltecem os saberes da identidade campestre brasileira, humanizando as práticas pedagógicas desenvolvidas na educação básica do campo. De acordo com Benjamin e Caldart (2000, p. 42),

Precisamos aprender a potencializar os elementos presentes nas diversas experiências, e transformá-los em um movimento consciente de construção das escolas do campo como escolas que ajudem neste processo mais amplo de humanização, e de reafirmação dos povos do campo como sujeitos de seu próprio destino, de sua própria história.

Atualmente, os avanços para uma educação do campo de qualidade são muito lentos devido à despreocupação de políticas públicas voltadas às práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas do campo. Um exemplo para esse descaso são as prescrições da Base Nacional Comum Curricular de 2017, que não tratam sobre educação do campo em seu texto e, portanto, não elucidam possibilidades de melhorias. Pensar, discutir e problematizar a realidade atual da educação do campo em nosso país se faz necessário na busca por direitos para a população campestre.

Letramento e alfabetização

A palavra letramento foi incorporada ao vocabulário educacional há pouco tempo. Com a introdução desta palavra, surge um debate sobre o significado do letramento para os educadores e educandos na atualidade. A palavra letramento tem sua origem inspirada no termo inglês *Literacy*, onde em sua tradução revela a condição de ser letrado” (Soares, 2009). Essa condição de ser letrado expressa não somente o processo de alfabetização, mas sim uma etapa que o indivíduo se apropria da leitura e, com isso, contempla as demandas sociais referentes à leitura, na sua interpretação do seu espaço sociocultural.

Em sua trajetória de crescimento, a criança constrói uma bagagem de conhecimentos através das diversas situações vividas em seu dia a dia. Quando chega na etapa escolar, para se efetivar o processo de alfabetização e letramento, o professor deve reconhecer essas experiências e através das práticas pedagógicas estimular as curiosidades do aluno, desenvolvendo o processo da leitura e escrita,

privilegiando a identidade do sujeito para assim, garantir uma inserção social. Sendo assim, o educador deve estar sempre atento para o mundo ao redor da criança, pois as capacidades que são desenvolvidas com a efetivação do processo de alfabetização e letramento possibilita uma ação que tem como principal resultado a construção de cidadãos críticos com capacidade de contribuir de forma significativa para uma sociedade mais justa e igualitária. A efetivação da alfabetização e do letramento é um instrumento valiosíssimo para fomentar o direito à cidadania de todos e todas.

Nesse processo de alfabetização e letramento, deve ser levado em conta a realidade social e econômica do indivíduo, pois segundo a obra *Abordagem histórica do letramento: ecos da memória na atualidade*, Tfouni, Serrat e Martha destacam que:

É preciso levar em consideração que aprender a ler e escrever não é tarefa fácil para os membros da classe pobre. Além da exigência de dominar a norma padrão (que não é aquela que usam no cotidiano), há toda a questão da simbolização do código escrito, das regras escolares, das exigências, às vezes absurdas, do discurso pedagógico; enfim, é como se o aprendiz entrasse em outro país, onde se fala outra língua e onde há regras de comportamento diferentes. (Tfouni; Serrat; Martha, 2013, p. 33).

Então, acreditamos que promover a alfabetização e o letramento é uma forma de combater as mazelas existentes na nossa sociedade, pois é um fator fundamental para o desenvolvimento não somente intelectual mas também social da criança e diminuir as disparidades encontradas na teia social de nosso país.

Práticas pedagógicas

Com intuito de investigar o processo de alfabetização e letramento de duas escolas do campo, situadas em município pequeno do interior, no estado do Rio Grande do Sul, propomos a realização de uma pesquisa que utiliza as cartas pedagógicas como ferramenta de ensino, para analisar o impacto destas no processo de alfabetização e letramento. As bases metodológicas deste estudo são guiadas pelo princípio da pesquisa-ação, pois dois dos professores pesquisadores fazem parte das comunidades escolares que são o contexto desta pesquisa. Além disso, a proposta deste estudo é escutar os sujeitos e trazê-los para a ação, fazendo com que estes protagonizem as práticas pedagógicas que estão sendo desenvolvidas. Nossa pretensão, através dessa pesquisa, é desenvolver a consciência da cidadania através da alfabetização e do letramento, levando em consideração a identidade das comunidades escolares que participam do estudo. Segundo Thiollent,

Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida, a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja de tipo participativo. (Thiollent, 2003, p. 15).

Quanto à avaliação das ações a proposta não tem como finalidade a classificação dos sujeitos, e, sim, os avanços do processo e a participação dos indivíduos na ação. Nossa proposta de avaliação é ir ao encontro da emancipação do cidadão (Luckesi, 2005), de maneira formativa, propondo para a comunidade escolar a avaliação do desenvolvimento de cada atividade, para, então, obtermos avanços significativos na construção do processo de alfabetização e letramento.

Nosso estudo está sendo organizado em ações com crianças das séries iniciais do ensino fundamental. O ponto de partida do estudo foi a observação das duas turmas e, com isso, a identificação da dificuldade de alfabetização dos alunos.

A partir dessa constatação elaboramos um planejamento para utilizar as cartas pedagógicas como instrumento de ensino, pois

O ato pedagógico que valoriza as pessoas em suas particularidades e potencialidades deve escapar do individualismo e da seriação da educação, valorizando o que cada pessoa é e o que pode ser, não o que deve ser. a pessoa humana, a constituição do sujeito histórico, social e cultural deve ser o motivo central de um processo de formação. (Barea, 2023, p. 91).

Para trazer um caráter lúdico e fomentar o encantamento nos educandos, a primeira atividade após o período de observação foi uma roda de conversa com uma história contada e cantada sobre as diferentes formas de se comunicar.

Figura 1. Contação de história cantada.



Fonte: acervo dos autores.

Subsequente a contação de história foi elaborada pelos alunos, de cada escola, uma caixa de correspondência. Essas caixas foram fixadas na sala de aula de cada turma.

Como o intuito do estudo é alcançar resultados significativos no processo de alfabetização e letramento dos alunos utilizando as cartas pedagógicas como instrumento de estudo, e acreditando que cada educando tem seu tempo e suas experiências, nossas ações práticas começaram com desenhos dos alunos, para eles identificarem os aspectos que compõem suas identidades. Esses desenhos foram trocados pelas duas turmas em questão, como uma espécie de carta de apresentação- convite, com a finalidade de despertar neles a vontade de contar suas histórias para colegas de outras escolas. A aceitação das duas turmas nesta atividade, foi muito positiva, revelando até uma empolgação peculiar que habita o mundo infantil.

Para dar andamento a pesquisa, exploramos o código ortográfico e fonológico da língua portuguesa através de situações do cotidiano deles. Outra alternativa pedagógica significativa foi o uso de cartões postais pedagógicos, com desenhos feitos pelas crianças da paisagem da sua região com textos curtos, com poucas palavras, enviados para os colegas da outra escola. Cada vez que acontece a troca de correspondência, os cartões postais pedagógicos são depositados nas caixas e, após isso, em formato de roda todos, com auxílio dos professores, lêem as correspondências recebidas e comentam sobre a mesma.

Porque trabalhamos na perspectiva da permanente articulação entre os processos de alfabetização e de letramento, defendemos o trabalho com diferentes portadores e gêneros textuais na alfabetização. O sujeito não demanda estar alfabetizado no sentido restrito do conceito para que interaja e explore diferentes gêneros textuais, daí a importância da troca de cartas e cartões pedagógicos.

Para fim de encaminhamento desta primeira etapa da pesquisa destacamos como resultados provisórios, a importância do conhecimento e distinção entre os conceitos de alfabetização e letramento, a necessidade da inserção das situações cotidianas de leitura no planejamento das atividades e práticas alfabetizadoras, o reconhecimento da capacidade comunicativa nos instrumentos carta e cartão postal pedagógico. Também se destaca através da exploração destes instrumentos o reconhecimento, em sentido ideológico de letramento, que não é obrigatoriamente necessário que um sujeito seja alfabetizado para ser letrado, ou demonstrar certo nível de letramento.

Como convite à permanência da reflexão sobre o tema, convidamos os leitores e leitoras a dialogarem conosco também, através e a partir de uma carta pedagógica de despedida.

Considerações finais - Carta de Encerramento: a grande aventura da Alfabetização e Letramento através das cartas pedagógicas

Queridos Leitores e Leitoras,

À medida que chegamos ao final deste capítulo, é com um misto de gratidão e reflexão

que nos dirigimos a vocês. A jornada que percorremos juntos neste espaço de páginas foi uma rica exploração dos fundamentos da alfabetização e do letramento que está sendo realizada. Um caminho que, embora possa parecer acadêmico em sua essência, está intrinsecamente ligado às experiências diárias e às vidas das pessoas que o vivem.

Alfabetização e letramento são mais do que meros processos de aprendizado; são portas abertas para um mundo repleto de possibilidades. É com grande satisfação que estamos vendo diariamente como essas portas se desdobram, revelando não apenas a importância da leitura e da escrita, mas também a profundidade do impacto que essas habilidades têm no desenvolvimento pessoal e na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Neste capítulo, exploramos não só reflexões que sustentam a prática pedagógica, mas também a beleza que as cartas pedagógicas nos oferecem. Utilizar as cartas pedagógicas é dar voz aos diversos sujeitos envolvidos nesse processo, é narrar as histórias inspiradoras dos alunos que transformam a teoria em realidade. Vimos que a alfabetização não é um objetivo em si, mas um ponto de partida para um contínuo processo de letramento, onde cada palavra lida e escrita é um passo em direção ao empoderamento e ao conhecimento. Agradecemos profundamente a cada um de vocês que dedicou seu tempo e energia a esta leitura. Esperamos que as ideias e reflexões compartilhadas aqui tenham ressoado em vocês, oferecendo novas perspectivas e incentivando um olhar mais atento para o papel que a alfabetização e o letramento desempenham em nossas vidas e comunidades.

À medida que fechamos este capítulo, convidamos vocês a levar adiante o estudo das cartas, e com isso, pensar sobre como cada um de nós pode contribuir para um mundo onde todos tenhamos a oportunidade de desenvolver habilidades de leitura e escrita através da dialogicidade e aproveitamos para convidar cada leitor a acompanhar os próximos passos deste estudo.

Como vocês seguem em suas jornadas, lembrem-se de que cada leitura é uma nova oportunidade e cada palavra escrita é um passo em direção a novos horizontes. Que a paixão pela alfabetização e pelo letramento continue a guiá-los e a inspirá-los.

Nos despedimos com sincera gratidão e os melhores votos para suas futuras aventuras literárias e pedagógicas.

Ana Cristina da Silva Rodrigues

Tiago Ramires

Nilza Soares dos Santos Peraça

Referências

- ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BENJAMIN, Cesar; CALDART, Roseli Salete. **Projeto popular e escolas do campo**. Brasília: Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo, 2000. Coleção Por uma educação Básica do Campo, n. 3.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação Popular**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CAMINI, Isabela. Cartas Pedagógicas - aprendizados de uma vida. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 65, p. 1-23, 2021.
- CAMINI, Isabela. **Cartas Pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.
- CAMINI, Isabela; BAREA, Rudimar (Orgs.). **Cartas pedagógicas: como prática de ensino e pesquisa**. Passo Fundo, RS: Saluz, 2023.
- FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné Bissau** [recurso eletrônico]: registros de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Fazer a aula com Cartas Pedagógicas: legado de Paulo Freire e experiência de reinvenção no ensino superior. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 11, e035283, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.35283>.
- LUCKESI, Carlos C. Planejamento e Avaliação na Escola: articulação e necessária determinação ideológica. In: LUCKESI, Carlos C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 102-119.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TFOUNI, Leda Verdiani; SERRAT, Dionéia Motta Monte; MARTHA, Diana Junkes Bueno. A abordagem histórica do letramento: ecos da memória na atualidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 17, n. 32, p. 23-48, 2013.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.